

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



HISTÓRIA E LITERATURA

VOLUME 21, 2000

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NOTA DE APRESENTAÇÃO

A Revista de História das Ideias, continuando fiel ao seu compromisso temático, apresenta agora um volume dedicado ao tema "História e Literatura". A sequência das duas noções não é casual. É que não se trata tanto de reflectir sobre o desenvolvimento diacrónico das obras literárias, mas antes de discernir no discurso historiográfico a singularidade da sua inevitável vinculação à diversidade das formas literárias, vinculação não raramente fornecedora de motes polemizantes; e trata-se igualmente de encarar os escritores-literatos como agentes históricos qualificados, no duplo sentido de relectores concretos daquelas especificidades temporais que lhes modelaram as obras e também no de proponentes daqueles postulados literários assimilados pelas formas de sentir e pelos meios de agir dos grupos constitutivos da colectividade.

Os convites que entendemos dirigir a potenciais colaboradores, equitativamente partilhados entre estudiosos da História e da Literatura, tiveram por parte dos primeiros uma resposta mais efectiva. Embora lamentemos tal circunstancialismo, fomos posteriormente levados a concluir, em função do acervo de estudos chegados até nós, que a originária intenção programática não ficara desvirtuada e que o volume salvaguardaria, não obstante, uma estimável diversidade de enfoques.

Reúnem-se neste volume um total de treze colaborações. Partindo de metodologias e fontes documentais distintas, os seus autores propõem olhares plurais, que possibilitam novas perspectivas de entendimento sobre o tópico que o presente número da Revista procurou tratar.

Pese a relativa e enriquecedora heterogeneidade dos estudos, há duas tendências que autorizam a sua agregação em dois mídeos. O primeiro, no qual se compreendem os primeiros cinco artigos, situa-se num plano que tenderíamos a definir como o de uma reflexão mais englobante e de cariz teórico-metodológico em torno do problema das relações entre a História e a Literatura. José Bermejo Barrera reflecte sobre as diferenças entre fazer história e falar sobre história, para tentar explicar porque é que a maioria dos historiadores fazem história e para discutir os limites da possibilidade de falar sobre História. Sandra Pesavento avalia a forma como os discursos histórico e literário procuram construir a ideia de "realidade". Rui Bebiano, confrontando o leitor com a multimodal dimensão das práticas e metodologias históricas actuais, versa a questão de saber se uma determinada dimensão poética da escrita da história não poderá assumir-se como um modelo a tomar em consideração. Francisco Falcon faz uma longa peregrinação pelo modo como na historiografia do século XX tem sido entendido o delicado problema da representação em História e, consequentemente, indaga sobre a própria possibilidade da História. Por fim, Geraldo Mártires Coelho, tendo por base principal o Apocalipse de S. João, oferece um aliciente percurso sobre o tempo e os milenarismos.

O segundo conjunto de pesquisas centra a sua análise em estudos de casos concretos, avaliando a produção de alguns autores ou movimentos históricos e/ou literários. Sérgio Campos Matos aborda o carácter ficcional e o rigor na produção histórica de Oliveira Martins. Amadeu Carvalho Homem expõe a evolução do pensamento político-social de um dos membros da geração dos "vencidos da vida", Ramalho Ortigão, tentando demonstrar a coerência do seu percurso espiritual e contrariando a tese das constantes contradições interiores do literato. Ana Leonor Pereira, dissecando a *História Universal* de Teófilo Braga, demonstra a matriz comtiana e biológica da sua noção de cientificidade histórica e posteriormente, lendo alguma da poesia teofiliana, expõe a correspondente ideação "poética da história". Vítor Neto, a partir dos romances de Abel Botelho, procura recriar o quadro histórico de "patologia social" e de uma certa "decadência finissecular" que afectou certos sectores da sociedade portuguesa nos finais do século XIX e inícios do século XX. Armando Malheiro da Silva explana o que tem sido a interpretação de Sidónio Pais e do Sidonismo, sublinhando como essas leituras constituem um paradigma da interacção "do factual e do ficcional, do histórico, do ideológico e do literário". István Jancsó e João Paulo Pimenta reflectem sobre problemas da emergência da identidade nacional brasileira, não deixando de considerar nesse processo alguns contributos de trechos literários. Ernesto Castro Leal utiliza um conjunto variado de discursos (diários, memórias, crónicas, ensaios, poesia e uma peça de teatro) para apreciar a forma como foi interpretada a participação dos soldados portugueses nas campanhas da Guerra de 1914-18. Por último, João George reconstitui e discute o que seria o campo literário português, na sequência do tratamento que faz do processo da extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores ocorrido em 1965.

Aqui ficam coligidas, como se verifica, um conjunto de propostas que poderão funcionar como pontos de partida para inquéritos mais exaustivos. Embora convictos de que todos os trabalhos das disciplinas humanísticas sofrem, na permanente obrigatoriedade de serem revistos e retomados, um castigo comparável ao de Sísifo, guardamos para nós a suposição, talvez vaidosa, de que o rochedo punitivo do mito clássico recebeu nestas páginas um impulso não inteiramente negligenciável. Zeus, implacável para com as estudiosas criaturas, não as isentará do sempiterno recomeço. A verdade é que ao mover-se, por pouco que seja, o fardo fica mais leve, perdendo com o atrito do avanço muita da sua garga. Esperemos que os Sísifos do porvir beneficiem com as canseiras dos hodiernos penitentes ...

Os coordenadores

Amadeu Carvalho Homem

José Pedro Paiva